

APRESENTAÇÃO

Este número da InterFACES nos impele a desafiar os grandes oceanos e os pequenos mares ao tratar do mar no vasto campo de produção de conhecimento das áreas de artes e arquitetura, urbanismo e *design*, letras, linguística e música. Pois, como afirmava Borges, “o mar é uma língua antiquíssima que não consigo decifrar”.

O mar: elemento misterioso e fascinante que todos amamos e respeitamos cobre aproximadamente 71% da superfície terrestre e contém 97,2% de toda a água do planeta. Todavia, apenas menos de 10% do relevo dos fundos marinhos, além dos 200 metros de profundidade, são conhecidos pelo homem, segundo a Organização Nacional Francesa de Hidrografia (OHI). O fundo do mar nos é mais desconhecido que a superfície lunar, e ele se torna objeto de muitas indagações. É o mar que circunda a terra ou é a terra que circunda o mar, pois para Êsquilo, em *Prometeu Acorrentado*, o Oceano “cujo dorso, sem jamais dormir, gira ao redor da Terra”? Ele é um abraço no qual é acolhido o nosso mundo ou é o contorno de um éden continental? É o espaço metafísico que se entrepõe entre nós e a divindade ou é o recinto providencial que nos protege do abismo da não-presença? Salgado, mas cheio de vida. As suas fundações são profundíssimas, mas nelas não se pode construir uma casa. Delineia os confins dos povos e das nações, mas por vezes é mais fácil de ser atravessado do que uma cadeia de altas montanhas. Quantos nomes ele possui? Quantos de nós ele conseguiu inspirar durante os séculos? Quem, entre nós, defronte a esta imensa dimensão aquática, nunca se jogou em um mergulho nos próprios pensamentos?

De acordo com algumas lendas, o mar é a morada de tudo aquilo que já perdemos ou daquilo que nunca tivemos, daqueles desejos *infrantos*, daquelas dores e lágrimas que já versamos. Junto com a lua, ele é, talvez, o elemento natural mais contado e representado graças ao fascínio que consegue suscitar. Do mar falam as poesias, as canções, os livros; eternizam-no os desenhos, as gravuras, as pinturas e as fotografias. Sobre ele se debruçam muitas moradas, e a perfeição arquitetônica de seus elementos inspiraram as criações humanas.

Todavia, o mote emotivo que leva o homem a encontrar no mar o elemento ideal de representação está estritamente ligado a sentimentos nem sempre positivos. No passado, o mar incutia temor: suas tempestades estavam diretamente ligadas à ira dos deuses, que apenas ritos, orações e sacrifícios eram capazes de aplacar. E, por vezes, nem mesmo essas práticas bastavam. E para além-mar, lá onde o

horizonte decretava a união do céu com a imensidão das águas, considerava-se o fim o mundo. No mar viviam animais monstruosos e desconhecidos que se tornaram protagonistas de narrativas fantásticas, pois tudo o que era desconhecido era mau. Contemporaneamente, porém, tudo aquilo que incute medo também provoca atração, como é o caso das sereias, pois o temor, na realidade, nem sempre é fundado. Por vezes, esse temor deriva do não conhecimento que ativa em nossa mente um processo tão complexo quanto fascinante; tão fascinante como parece tudo aquilo que tememos.

E assim o domínio daquele mar instigava os antigos a cruzar seus limites. Para além das Colunas de Hércules, para além do mundo conhecido, sempre havia a esperança de encontrar terras melhores e mais ricas. Platão situa a mítica Atlântida, isola abundante de prata e de metais, potência naval conquistadora que nove mil anos antes de Sólon, após ter falido na tentativa de uma invasão a Atenas, imergiu para sempre em um dia e uma noite. Na Idade Média, Dante Alighieri situa naquelas águas, a cinco meses de navegação para além das colunas, o monte do Purgatório que Ulisses consegue avistar antes de ser tragado pela fúria das águas, no Canto XXVI do Inferno da *Divina Comédia*. Da mesma forma, o jornalista e escritor italiano Paolo Granzotto (1940-2016), com base no texto dantesco, hipotizou que Ulisses tenha navegado para além do Estreito de Gibraltar e tenha desembarcado nas Ilhas Britânicas, terras efetivamente ricas de metais preciosos aos olhos dos gregos homéricos. Para Sergio Frau (1948-), outro jornalista italiano, redimensionando a potencialidade das técnicas navais gregas, situa as Colunas no Estreito de Messina, entre a Calábria e a Sicília, e Atlântida na ilha da Sardegna, terras estas também muito ricas.

Mesmo que ainda existam mistérios ligados ao mar, ao seu modo de ser e de seus habitantes, hoje não é mais tanto o medo a nos guiar quanto aqueles sentimentos existentes, desde sempre, mas inicialmente sufocados, pelo próprio temor. De tais medos muitos já falaram: deram voz aos próprios pensamentos através de personagens, versos poéticos e estrofes interpretadas por um canto. Pois como afiança o Capitão Nemo em *Vinte mil léguas submarinas*, de Júlio Verne,

O mar é o grande manancial da natureza. Foi pelo mar que o globo começou, e quem sabe não terminará! Aqui reina a suprema tranquilidade. O mar não pertence aos déspotas. Talvez em sua superfície eles ainda possam exercer direitos iníquos, engalfinhar-se, entredevorar-se, estendendo-lhe todos os horrores terrenos. A dez metros de profundidade, contudo, seu poder cessa, sua influência se extingue, sua força desaparece. Para os gregos, o mar é *thalassa*, do gênero feminino, mas é também *okeanos*, desta vez de gênero masculino, como um grande rio intransponível que circunda o mundo, e que neste caso se transforma em fronteira, em limite ou confim que separa o mundo

daquele nada, o reino da vida do reino de Hades. Mas o mar também era *pelagos* (o mar vasto e sem fim) e *pontos* (o mar interno ou mesmo o mar como passagem).

Sabe-se que no decorrer do tempo o Mediterrâneo foi, principalmente, lugar físico e virtual de conjunções, de contaminações, de cruzamentos, muitas vezes militares e decididamente bélicos. Cruzamentos resultantes de conflitos, tanto internos entre os povos mediterrâneos, quanto externos, que utilizaram aquelas águas simplesmente como tabuleiro de um xadrez militar. É europeu aquele mar? É africano? É médio-oriental? Do Bósforo a Gibraltar, da Turquia à Grécia, da contestada ilha de Chipre, das tormentosas costas do Líbano e da Palestina, todo o Norte da África, Espanha, França e, finalmente a Itália, colocado no centro a ponto de induzir os romanos a falar daquelas águas como inteiramente suas e, como de fato, a política dos cônsules e depois dos céсарes conseguiu implementar.

Partimos nesta jornada de navegações exatamente do Mediterrâneo ou do *mare nostrum* dos romanos, como afirmava Júlio Cesar no *De Bello Gallico*, o mesmo mar que os gregos indicavam como “o nosso mar”, bem como fora chamado por tantos outros povos depois deles. Para Hecateu de Mileto (550-476 a.C.), Heródoto (485-428 a.C.) e os Fenícios, aliás, os primeiros a percorrê-lo, era o *Mar Grande*. Durante as Guerras do Peloponeso (431-404 a.C.), Tucídides (460-395 a.C.) a ele se referia como o *Mar Helênico*, enquanto Platão (428-347 a.C.), no *Fédon*, mais delicado, indica-o como “o mar que se encontra ao nosso lado”. Em *De mundo*, atribuído a Aristóteles (384-322 a.C.), é chamado de *Mar Interno* em oposição ao *Mar Externo*, isto é, o Oceano. Assim nasce o apelativo Mediterrâneo.

Marilena Giammarco abre o presente número e nos convida a navegar pelo Mediterrâneo em *Il cronotopo del mare nella letteratura sull'Adriatico*, no qual apresenta diferentes visões do Mar Adriático – aquele trecho do Mediterrâneo que separa a península italiana da península balcânica –, que na Antiguidade, graças aos colonizadores gregos, radicaram-se mitos e lendas fundamentais na cultura ocidental; tais mitos foram eternizados por Apolônio de Rodas, Ovídio e Virgílio, mas que, também nos séculos XIX e XX, pode ser lembrada uma fascinante mitografia de Veneza, a *Rainha do Adriático*, que inspirou Charles Dickens, John Ruskin, Gabriele D'Annunzio e Thomas Mann. Todavia, a atenção da docente italiana da Universidade de Pescara concentra-se, principalmente, nos romances do escritor italiano de origem *arbëresh* Carmine Abate, que contam o Adriático como aquele mar de trânsitos e de antigas e novas migrações.

Sobre o mesmo mar Mediterrâneo se debruça o ensaio do pesquisador sardo Giuseppe Marci, *Mediterraneo camilleriano*. Ele discorre sobre a obra do escritor italiano Andrea Camilleri, talvez um dos mais prolíficos escritores da atualidade,

cuja produção mais conhecida é aquela centralizada nos romances policiais protagonizados pelo Comissário Salvo Montalbano (já série televisiva produzida pela RAI Radio Televisione Italiana), e sua relação com o mar, romances estes que são ambientados na imaginária cidade marítima siciliana de Vigàta. Camilleri é um herdeiro dos grandes narradores sicilianos como Giovanni Verga e Luigi Pirandello, cantor da sua Sicília, a maior das ilhas mediterrâneas, “continente em miniatura”, nas palavras do historiador francês Fernand Braudel. Marci nos traz a visão daquele mar siciliano impregnado de referências árabes, de um universo feito de terras, de gentes, de religiões e de línguas em contato, diversas, frequentemente em contraste, mas conectadas por um estrito vínculo de proximidade.

O mar conduz para longe, em direção a outras terras, em direção a outros mundos. Ele não segue as regras humanas, mas basta um pouco de bom senso para tê-lo como aliado. O mar nunca acaba, é infinito; é onde termina um oceano, imediatamente inicia um outro, e as águas de um e de outro se misturam em uma sinfonia de cores, de sons, de paisagens. Quando o observamos, seus sons e suas cores nos dão uma sensação de serenidade, uma serenidade que nos faz sentir minúsculos frente à sua imensidão, arrebatando-nos através de seu caráter sublime. Observar o oceano implica, desde sempre, a reverência do homem que se curva perante a sua potência e a sua majestade.

Quando do sal do mar são as lágrimas de Portugal, perguntava-se Fernando Pessoa? O texto de Glória Alinho, *A Peregrinação do corpo e da consciência nos mares de Fernão Mendes Pinto*, traz uma discussão sobre a obra *Peregrinação*, cujo título na sua íntegra é *Peregrinaçam de Fernam Mendez Pinto em que da conta de muytas e muyto estranhas cousas que vio & ouvio no reyno da China, no da Tartaria, no de Sornau, que vulgarmente se chama de Sião, no de Calaminhan, no do Pegù, no de Martauão, & em outros muytos reynos & senhorios das partes Orientais, de que nestas nossas do Occidente ha muyto pouca ou nenhua noticia. E também da conta de muytos casos particulares que acontecerão assi a elle como a outras muytas pessoas. E no fim della trata brevemente de algumas cousas, & da morte do Santo Padre Francisco Xavier, unica luz & resplendor daquellas partes do Oriente, & reitor nellas universal da Companhia de Iesus*, publicado em 1614. O aventureiro e explorador português Mendes Pinto (1510 ou 1514-1583) partiu de Portugal em 1537 para uma expedição de exploração na Índia, indo de encontro a seus irmãos. Escrito duas décadas após o seu retorno a Portugal, é “um texto que resulta do olhar de quem vê as coisas porque as experiencia e vive e, por isso mesmo, minado de contradições, apesar de lúcido.” A pesquisadora portuguesa analisa a obra sob a ótica da experiência como revelação do mundo, da aventura do mar como um desejo da

escrita e levanta a hipótese dos Descobrimentos terem sido motivados pela cobiça e mascarados pela hipocrisia, baseada no texto seiscentista.

Das mitologias ocidentais através das correntes que desenhavam as rotas comerciais e, infelizmente, aquelas do tráfico humano, desaguamos no Continente Africano, em particular na Nigéria. *Otim: o anagrama do mito* é o ensaio de Julia Magalhães de Oliveira e que apresenta Otim, o orixá do panteão yorubá que nasceu com quatro seios; protegida pelo pai desde o nascimento, ele promete jamais deixá-la se casar. Todavia, desafiando os desígnios do pai une-se a um valoroso guerreiro em um casamento polígamo; graças à inveja de outra das mulheres de seu marido, o orixá Oxóssi, o rei das matas, agride-a fisicamente, e Otim corre pelas matas em desespero, até se transformar em um curso d'água que desemboca nas águas do mar, no seio de Iemanjá, a grande deusa das águas. Discute-se o mito feminino e as questões relacionadas à violência contra a mulher em sociedades patriarcais, trazendo à luz dados importantes sobre os índices deste tipo de violência em nosso país.

Viviane de Freitas assina *Vasto mar de sargaços: a poesia, a identidade e o mar caribenhos*, cujo espaço físico e simbólico do mar é dominante no romance da escritora dominicana Jean Rhys (1890 – 1979). *O Mar dos Sargaços é aquele trecho do Atlântico localizado entre a Europa e a América do Norte, nas proximidades das Bermudas*; um mar sem costas, um lugar esquecido pelos ventos sob um céu de azul muito intenso e quase sem nuvens, de águas muito salgadas. São cinco milhões de quilômetros quadrados cobertos por um tapete de algas, delimitado por quatro correntes marítimas: do Golfo, do Atlântico Norte, das Canárias e a Norte Equatorial. *Rúfio Avieno (305-375), escritor latino do século IV, noticiava que o almirante cartaginês Hilmico (500 a.C.), desafiando a divindade ao superar as Colunas de Hércules, encontrou-se em um trecho do grande mar onde “muitas algas crescem em meio às ondas, as quais retardam o navio como se fossem arbustos. [...] Aqui, as bestas marinhas movem-se vagarosamente de um lado para o outro, e grandes monstros nadam languidamente entre os navios que se arrastam”, muito antes da empresa de Colombo ou dos marujos portugueses singrarem aquela águas. O ensaio nos traz uma reflexão sobre o papel do mar como elemento constituinte da identidade caribenha e que Rhys elabora como uma “geografia negativa do Mar de Sargaços [que] se impõe enquanto espaço relacional que estabelece a ligação/separação entre os mundos do casal protagonista, o Caribe colonial e a metrópole inglesa.”*

Da América Central descemos para a América do Sul. Rodrigo Barbosa navega *No balanço do barco do cronista: um mergulho nas atmosferas do mar de Rubem Braga*. O mar que o capixaba admirava todos os dias da janela do seu apartamento

na praia de Ipanema, no Rio de Janeiro – “De minha varanda vejo, entre árvores e telhados, o mar”, – inspirou-lhe uma série de crônicas como *Mar*, *Homem no Mar*, *Tristezas à beira mar*, *Um morador de Ipanema*, e tantas mais dentre as quinze mil que nos legou em 62 anos de atividade literária e jornalística. Braga trata do mar de modo confessional, questiona-o como elemento de integração e de distanciamento, colocando em evidência aspectos sensoriais no contato do homem com o mar, tudo isso, na opinião de Rodrigo, para construir “atmosferas e ambientes capazes de seduzir o leitor”. São cartas de amor ao mar e às praias cariocas, pois ele, como o personagem da sua crônica, acorda cedo e vê o mar se espreguiçando e o sol nascendo e “eu remarei para a terra logo que ela estiver cansada de mar”.

Unindo as duas espondas do Atlântico, Lúcia Granja e Odair Dutra Santana Junior nos oferecem uma reflexão sobre os romances-folhetim veiculados na imprensa brasileira no ensaio *Aquém e além-mar: agentes, textos e estratégias os romances-folhetim (Jornal do Commercio 1827-1863)*. Os autores analisam o papel dos empresários-jornalistas franceses Pierre Plancher e Junius Villeneuve, que no Rio de Janeiro capitanearam um dos mais importantes periódicos brasileiros do século XIX, o *Jornal do Commercio*, e a sua tipografia. Eles publicaram, no formato de folhetim, entre 1839 e 1863, obras de Alexandre Dumas, Alexandre Dumas Filho, Eugène Sue, Victor Hugo, Balzac, Frédéric Soulié, George Sand, Visconde Ponson du Terrail, Xavier de Montépin, entre outros. Posteriormente à publicação de tais obras no jornal, muitas delas foram publicadas em volume com a intenção de atender aos desejos de um público ávido por ler e colecionar os romances, como se fazia na Europa. Os autores ressaltam que “ao dar predileção à publicação e reimpressão de novelas estrangeiras, é inegável a contribuição da tipografia do *Jornal do Commercio* para a circulação de romances e ideias d’além-mar no Brasil do século XIX”.

“Como é profundo o mar” sentenciava o cantor e compositor italiano Lucio Dalla (1943-2012), mas para além da sua profundidade, é aquele mesmo mar que, “quando quebra na praia, é bonito, é bonito”, na melodia de Dorival Caymmy (1914-2008). Das Letras para a Música, o mar é um dos protagonistas da Bossa Nova brasileira, como nos apresenta André Rocha Leite Haudenschild em *Boemia solar: a sociabilidade praiana da Bossa Nova como uma singular experiência da modernidade*. O autor nos leva até a praia, aquele território intermediário entre o mar e a metrópole e nos conduz “num doce balanço” pelas areias das praias cariocas de Copacabana e Ipanema ao investigar o etos poético e musical da estética bossanovística naquele Brasil dos anos 1950-1960, cantado por Vinícius de Moraes, Tom Jobim, Ronaldo Bôscoli, Marcos e Paulo Cesar Valle, entre outros.

Adriano Dantas de Oliveira e Jorge Luiz Ribeiro de Vasconcelos Lampa, em *A figurativização do mar na canção popular: percepção, sentido e provas de persuasão*, abordam a figurativização associada ao mar na canção popular brasileira através do exame não apenas do texto, mas da melodia, do ritmo, dos andamentos e da harmonia de peças conhecidas do nosso cancioneiro, como a já citada “O Mar”, de Dorival Caymmi, “Tanto Mar”, de Chico Buarque, “Azul da cor do mar”, de Tim Maia, “Esfinge”, de Djavan entre outras. Os autores propõem uma leitura semiológica e retórica das canções selecionadas, afirmando que o mar é “um ator criador de tensões ou distensões” como um possível caminho para se conseguir expressar aquilo que, muitas vezes, tem-se grande dificuldade.

Da Música o mar nos leve até a Arquitetura, com o ensaio *Niemeyer e o Atlântico: duas narrativas costeiras*, de Cláudia Costa Cabral. A autora apresenta dois projetos do arquiteto brasileiro realizados entre 1965 e 1967, o primeiro deles em Pena Furada (Algarve) e o segundo no Guarujá (São Paulo), duas propostas para urbanizações turísticas costeiras, situadas em ambos os lados do Atlântico. Niemeyer valoriza as qualidades naturais dos terrenos, mas, segundo a autora, “O mar, ao contrário, é um personagem implícito, porém essencial em ambas as narrativas, e de certo modo, o seu verdadeiro protagonista.” A análise da narrativa dos memoriais do nosso grande arquiteto nos faz lembrar a afirmação do recém-falecido arquiteto Carlos Bratke: “A obra de Niemeyer tem muito mais poesia que tecnologia”.

“Como é doce naufragar neste mar” enunciava o poeta italiano Giacomo Leopardi em 1819, de modo análogo à afirmação de Dorival Caymmi e Jorge Amado que “é doce morrer no mar”, de 1941. Mas a doce morte e o doce naufrágio poéticos tornam-se amargos se pensarmos no recente episódio do menino sírio encontrado morto em uma praia da Turquia...

“Homem livre, tu sempre amarás o mar!/ O mar é teu espelho; contemplas tua alma/ No desenrolar infinito da sua onda,/ E teu espírito não é um precipício menos amargo”, admoesta Baudelaire. Nesta quase fusão do homem e do mar, este último assume o papel de espelho da alma, e é possuidor de uma espécie de poder cognitivo: observando o mar, o homem observa a si mesmo, aquela parte mais profunda e escondida do próprio eu. Bom mergulho!

*Fabiano Dalla Bona
Sonia Cristina Reis*